

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E JUVENTUDE: TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DAS MOBILIZAÇÕES JUVENIS NO BRASIL

SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da.
*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e
Regionais (UFRN)*
marcosaureliojunior@gmail.com

TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes.
*Estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos
Urbanos e Regionais (UFRN)*
pontesrylanneive@gmail.com

RESUMO

O tema da juventude se cruza com a questão ambiental quando, no contexto contemporâneo, tem aumentado a atuação dos jovens frente às mudanças climáticas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é compreender e analisar através das narrativas as trajetórias dos jovens e estratégias dos movimentos ativistas brasileiros que se mobilizam em torno das mudanças climáticas. Para tanto, a metodologia da pesquisa é qualitativa, fazendo uso do levantamento bibliográfico e da aplicação de entrevistas semiestruturadas. A técnica de análise dos dados é a análise de conteúdo. A partir dos resultados obtidos, concluímos que as trajetórias dos jovens estão ancoradas na influência familiar e na inserção no movimento estudantil. Ademais, as estratégias utilizadas se ancoram, principalmente, na conjuntura política ou no diálogo com o poder público.

Palavras-chave: Juventude. Movimentos sociais. Questão climática.

ABSTRACT

The theme of youth intersects with the environmental issue when, in the contemporary context, there has been an increase in the performance of young people in the face of climate change. In this sense, the objective of this article is to understand and analyze through the narratives the trajectories of the youth and strategies of the Brazilian activist movements that mobilize around climate change. For this purpose, the research methodology is qualitative, making use of the bibliographic survey and the application of semi-structured interviews. The technique of data analysis is the analysis of content. From the results obtained, we conclude that the trajectories of the youth are anchored in the family influence and insertion in the student movement. Moreover, the strategies used are anchored mainly in the political conjuncture or in the dialogue with the public power.

Keywords: Youth. Social movements. Climate issue.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca contribuir com os avanços analíticos acerca da categoria juventude enquanto ator político no Brasil, procurando trazer algumas reflexões teórico-metodológicas na perspectiva das mudanças climáticas, a qual, que cabe assinalar aqui, representa um campo bastante incipiente no Brasil quando se trata da sua relação com as literaturas sobre movimentos sociais e, sobretudo, movimentos de juventude. No curso da ampliação dos estudos sobre os jovens, tratamos aqui a juventude enquanto categoria política e social (VÁZQUEZ; COZACHCOW, 2017) por entendermos os jovens enquanto atores sociais envolvidos em relações e dinâmicas sociais aglutinadoras de ação política e engajamento social, como os grupos identitários e os novos movimentos sociais.

O fio condutor desta análise se dá a partir da atuação social e política de jovens lideranças de movimentos sociais atuantes nas discussões sobre mudanças climáticas no Brasil. Especificamente no ano de 2019, o tema das mudanças climáticas ganhou destaque no âmbito midiático por meio, principalmente, da ativista Greta Thunberg, uma jovem sueca mundialmente conhecida pela sua atuação frente às causas do clima. A partir daí, a atuação da juventude em movimentos sociais e grupos que pautam questões ambientais e climáticas começou a crescer, dando, assim, voz e visibilidade aos jovens ativistas ambientais.

No Brasil não foi diferente, a crescente participação e visibilidade dos jovens ativistas que pautam mudanças climáticas foi visível, inclusive através da grande mídia. Tanto através de movimentos que possuem a pauta das mudanças climáticas de maneira central como também de movimentos que demandam as mudanças climáticas de maneira transversal, foi notório o aumento da atuação de jovens brasileiros na temática.

É nesse sentido que surge a inquietação deste artigo, cujo objetivo é compreender e analisar as trajetórias e narrativas dos jovens ativistas brasileiros que se mobilizam em torno das mudanças climáticas, observando como esses jovens chegam aos movimentos sociais sobre o tema e quais as estratégias utilizadas para pautarem suas demandas.

Para tanto, a metodologia segue as orientações de uma abordagem de natureza qualitativa, ancorada no levantamento bibliográfico, que subsidiará a revisão da literatura sobre juventude e movimentos sociais, e mudanças climáticas; e na aplicação de entrevistas semiestruturadas com seis jovens lideranças dos seguintes movimentos: Engajamundo, Cicle - Pedalando Pelo Clima, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Greve Pelo Clima e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). O intuito das entrevistas é buscar entender como os ativistas juvenis chegam aos movimentos sociais e a maneira como a questão das mudanças climáticas atravessa suas trajetórias. O contato com esses interlocutores se deu por meio da técnica de amostragem “bola de neve”, por compreendermos que é útil para facilitar o acesso ao grupo a ser estudado.

Após a transcrição literal das entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo como técnica de análise e tratamento dos dados, seguindo as orientações de Bardin (2011). A escolha pela análise de conteúdo se dá pelo fato de ser uma técnica de ampla validação em pesquisas qualitativas (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011) e pela capacidade de captar de maneira qualificada, neste caso, as percepções acerca do processo de consolidação da juventude rural no campo político, no que tange às disputas, estratégias e ações.

Sob essa perspectiva, o artigo está dividido em quatro seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda trará o referencial teórico-conceitual utilizado no artigo, onde abordaremos, de maneira sistemática, sobre juventude e movimentos sociais, e mudanças climáticas. Na terceira, analisaremos e discutiremos os resultados obtidos através da pesquisa empírica. E, na quarta e última, traremos as conclusões e apontamentos para pesquisas futuras.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Juventude e movimentos sociais

O ativismo juvenil no Brasil possui um histórico de atuação bastante profuso. De acordo com Carneiro e Castro (2007), a juventude brasileira passa a se organizar de maneira mais efetiva, enquanto categoria, nas décadas de 50 e 60, através de grupos de

estudantes, de cultura e partidos políticos. Com o início do regime militar na década de 60, a juventude, principalmente a juventude estudante, passa então, a atuar na resistência ao regime.

Com a redemocratização do país, efetivada pela Constituição Federal de 1988, os movimentos e agrupamentos juvenis passam então por uma alteração nas principais pautas. A contestação fortemente utilizada contra o regime militar deu lugar à intensa mobilização em prol da garantia de direitos e de políticas públicas.

Os jovens passam, então, a se inserirem em espaços formais da política, como partidos políticos, conselhos, conferências, sindicatos etc. Esse fenômeno é entendido por Vázquez e Cozachcow (2017) como um regresso à política. Para além dos espaços formais, os movimentos sociais, mas também os coletivos, agrupamentos, e outros, passam a contar com uma expressiva participação da juventude, muitos inclusive, passam a ocupar espaços de liderança e direção dentro de suas organizações. A invisibilidade que por muito tempo permeou a relação do jovem com a política foi dando espaço para um protagonismo juvenil que estava – e ainda está – em curso no país, apesar das relações de poder (BOURDIEU, 1989) e dinâmicas excludentes fortemente sentidas pelos jovens.

Nesse sentido, a abordagem de movimentos sociais aqui utilizada está ancorada na teoria dos Novos Movimentos Sociais (GOHN, 1997), a qual se distancia da concepção clássica, fundamentada na abordagem marxista, que relaciona estreitamente a ação social com fatores macroeconômicos e questões de classe. As transformações vivenciadas pela sociedade, inclusive na economia, nos últimos anos resultaram num avanço conceitual acerca do entendimento das mobilizações sociais.

A teoria dos Novos Movimentos Sociais é ambígua - alguns partem de premissas totalmente distintas do marxismo (como Melucci), outros fazem uma ruptura na forma de abordagem, mas trabalham com as macroestruturas sociais (caso de Touraine), outros ainda questionam a validade da utilização de alguns prognósticos realizados por Marx, arguindo pela necessidade de sua atualização - dando as transformações históricas -, sem negar a validade das categorias básicas (GOHN, 1997, p. 120).

Nesse sentido, os novos agrupamentos surgidos nos últimos anos não se

reconhecem única e exclusivamente por sua classe social e podem ser compreendidos como os novos movimentos sociais (SILVA JÚNIOR e MOURA, 2019). Ainda de acordo com os autores, “a partir de novos fatores como cultura, lutas sociais, identidades e outros, os novos movimentos sociais passam a endossar um novo modelo de fazer política” (p. 4).

É nesse contexto que a questão ambiental surge na cena política. Para Carvalho (2004) as questões ambientais possuem forte potencial de identificação e aglutinação política entre os jovens devido à crescente consciência ambiental que tem se difundido entre a juventude. Esses fatores resultaram, nos últimos anos, na forte presença de jovens em grupos, ações de voluntariado e ativismo em ONGs conhecidas nacional e internacionalmente, como o Greenpeace (CARVALHO, 2004).

No conjunto destes novos movimentos sociais, a temática ambiental, ao lado das questões de gênero, parece ter sido uma das que mais conseguiu penetrar na diversidade das lutas sociais nas últimas décadas e alcançar certa legitimidade em diferentes segmentos sociais (CARVALHO, 2004, p. 10).

Ainda para Carvalho (2004), a "militância ecológica" pode ser traduzida através da preocupação com a natureza e as diversas questões ambientais e é fundamentada por comportamentos ambientalmente corretos. Compreendemos que esses comportamentos carregam - e estão ancorados - em narrativas que unificam o ideal “ambientalmente correto” com a ação coletiva do ativismo ecológico.

Os novos movimentos utilizam as narrativas como estratégias que visam a legitimação e unificação de elementos simbólicos e aglutinadores da ação política coletiva. As narrativas são recursos essenciais que visam mobilizar mais pessoas, angariar apoiadores, definir as ações dos movimentos e influenciar a tomada de decisões políticas (POLLETTA; GARDNER, 2015). Ainda para Gould (2009) os fatores emocionais presentes nos discursos são fundamentais para a construção de agendas políticas dos movimentos sociais. No tópico a seguir, discutimos sobre as mudanças climáticas enquanto uma grande problemática socioambiental que tem tido grande inserção no ativismo de jovens junto aos movimentos sociais.

1.2 Mudanças climáticas

Em termos globais, há evidências que as mudanças climáticas têm assumido o caráter de crise, constatação internacionalmente reconhecida pela ONU (PINSKY, 2019) em função da imposição de uma série de desafios aos sistemas humanos e naturais, tais como o aumento do nível do mar, a intensificação da ocorrência de eventos climáticos extremos (inundações e períodos de estiagens, por exemplo) e o aumento da temperatura média global. Por crise climática, entendemos como uma dimensão da crise ambiental atual, sendo resultante das mudanças no sistema climático global em função do aumento da concentração de GEE na atmosfera, consequência das atividades antrópicas.

Ainda que as mudanças climáticas não seja um problema recente, com autores como Giddens (2010) apontando para uma origem no período da Revolução Industrial, se trata de um desafio ainda mais contemporâneo em função de suas consequências cada vez mais intensificadas na atualidade. As mudanças climáticas consistem na:

[...] dimensão mais urgente, mais grave e mais profunda da crise ambiental do século XXI. É urgente porque resta pouco tempo para estabilizar a concentração de gases de efeito estufa em níveis aceitáveis na atmosfera. É grave porque aumenta significativamente a desertificação, a crise de recursos hídricos e a crise de biodiversidade. Além disso, destrói muita infraestrutura existente, traz grandes prejuízos às atividades econômicas e afeta com severidade as populações pobres do planeta. E é profunda porque não existe solução apenas tecnológica (BECK, 2011, p. 10).

Estudos científicos reconhecem que o responsável principal por essas mudanças no sistema climático são o homem (IPCC, 2014; BLANK, 2015; RIBEIRO; SANTOS, 2016) devido às suas atividades altamente geradoras de Gases do Efeito Estufa (GEE)¹, como a queima de combustíveis fósseis para uso massivo em automóveis. Sobre isso, pontuamos que as atividades antropogênicas são responsáveis por cerca de 75% das emissões desses gases em nível global (BAI *et al.*, 2018).

Na contemporaneidade, em virtude dessa contribuição humana sobre as mudanças climáticas, há cada vez mais o reconhecimento da existência de uma nova era

¹ Dentre os principais GEE, os de origem antrópica são, em especial, o dióxido de carbono, o metano e o óxido nitroso (IPCC, 2007).

geológica, o “Antropoceno”, definida como “a manifestação mais recente de um ciclo climático generalizado em escala milenar operando independentemente do estado do clima glacial-interglacial” (BOND *et al.*, 1997, p. 1257, tradução nossa)². Enfim, o homem tem papel central no debate sobre as mudanças climáticas tendo em vista suas atividades altamente insustentáveis que, por sua vez, são reverberadas sobre as populações e o meio ambiente.

Com base nas ideias da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (ONU, 1992), compreendemos as mudanças climáticas como um fenômeno natural de variação nos padrões climáticos, mas ao mesmo tempo antrópico devido à influência humana sobre essa variação climática através de suas atitudes e práticas cotidianas altamente poluidoras e insustentáveis. É importante pontuarmos que as mudanças climáticas são um fenômeno diferente de aquecimento global, uma vez que este se trata de um exemplo dos efeitos dessas mudanças que acometem o clima global. Consideramos ainda que o problema das mudanças climáticas não está no efeito estufa, visto que é um fenômeno natural de suma importância para o mantimento da temperatura da terra em níveis normais que possibilitem a sobrevivência das espécies; mas sim na alta concentração dos gases causadores desse fenômeno, provocada pelas interferências humanas.

Nessa perspectiva, as mudanças climáticas são aqui compreendidas como, se não a maior, uma das problemáticas socioambientais contemporâneas (TEIXEIRA; PESSOA, 2020), com evidências científicas que demonstram cada vez mais confiabilidade sobre suas consequências drásticas e severas sobre os sistemas humanos e naturais. Para solucionar ou pelo menos atenuar os desafios oriundos desse problema global, tentando incorporá-los e efetivá-los nas agendas políticas e públicas de todo o mundo, jovens ativistas têm se mobilizado frente à questão, a partir de sua inserção em movimentos sociais e/ou grupos que têm as questões ambientais e, sobretudo, climáticas como pauta, conforme apresentado em sequência, no tópico de resultados e discussão.

² “the most recent manifestation of a pervasive millennial-scale climate cycle operating independently of the glacial-interglacial climate state” (BOND *et al.*, 1997, p. 1257).

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Trajetórias e narrativas

A fim de elucidarmos, de maneira sistemática, as experiências, vivências e espaços que impulsionaram os jovens entrevistados a se inserirem em movimentos ambientais, construímos um quadro sobre as trajetórias desses ativistas que nos mostra de onde eles vieram, quais foram suas motivações e/ou referências. Os nomes dos entrevistados estão exibidos de maneira abreviada para garantir maior anonimato.

Quadro 1 – Trajetórias

Entrevistado	Movimento	Trajetória
G. C.	Engajamundo	Referência familiar
G. B.	Cicle / Engajamundo	Referência familiar e movimento estudantil
V. H.	Greve Pelo Clima	Referência familiar e movimento estudantil
T. M.	MAB	Movimento estudantil
P. R.	Engajamundo	Movimento estudantil
M. A.	MPA	Movimento estudantil

Fonte: Elaboração própria, 2020.

A partir do quadro acima, fica clara a estreita relação que os movimentos sociais de cunho ambiental possuem com o movimento estudantil, e principalmente o movimento estudantil universitário. Outro fator que surge como impulsionador das mobilizações juvenis é a referência familiar, seja pelo local onde cresceram os jovens ou pela aproximação com as questões ambientais por parte dos pais ou demais familiares.

De acordo com os entrevistados, a questão ambiental aparece de maneira pouco incisiva nas suas vivências escolares, entretanto, é durante a universidade onde os jovens passam a ter contato não só com o debate que cerca o meio ambiente, mas também com os movimentos sociais. A forte inserção dos movimentos nos espaços acadêmicos universitários aproxima os jovens que já estão de alguma forma no movimento estudantil (centros acadêmicos, diretórios centrais etc.) aos movimentos ambientalistas.

O meu contato com o movimento estudantil foi através de uma organização da minha igreja chamada ABU, onde eu tive experiência e com o tempo eu me aproximei das lutas ambientais e dos povos originários (V. H. representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Em 2016 quando teve o golpe, nós do DCE fizemos uma mobilização e ocupamos a universidade, lá o MPA entrou num acordo conosco de garantir nossa alimentação e proporcionar alguns momentos de formação política, foi aí que passei a participar com mais força do MPA (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A aproximação da pauta ambiental - e dos movimentos sociais ambientais - com a universidade se dá também, com os jovens aqui entrevistados, através dos cursos de graduação e pós-graduação que possuem o meio ambiente como tema central ou transversal, como também através de palestras, projetos de pesquisa, extensão etc.

Minha trajetória no movimento ambiental veio através do movimento estudantil, na universidade eu fazia parte do núcleo de assessoria jurídica popular. A gente tinha muito contato com o MST, fui me aproximando do campo dos movimentos com uma visão mais crítica da realidade. Antes disso eu não tinha contato com a luta política, [...] foi através da extensão universitária (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Com 18 anos, eu comecei de fato a me envolver com o movimento ambiental, comecei a estudar sobre o movimento, participar de reuniões etc. Em 2015, eu participei de um evento vinculado à universidade, e um dos participantes era do Engajamundo e eu achei aquilo muito interessante, foi aí que eu me vinculei ao Engajamundo (G. B. Representante do Cicle e Engajamundo, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

A relação entre o movimento ambiental e os cursos de graduação possuem forte laço devido à temática desses cursos. Observamos ainda que a inserção dos ativistas nos movimentos também influencia o processo de escolha de seus cursos de pós-graduação. Nesse sentido, os ativistas procuram aliar suas vivências práticas na militância ambiental com o conhecimento acadêmico:

Eu conheci o MAB na universidade, quando eu estava na graduação de Direito e acabei fazendo uma especialização que o MAB coordena com a federal do Rio. E agora faço doutorado em Direito Socioambiental (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Eu sou da psicologia, mas minha área de interesse, inclusive de

pesquisa de mestrado foi para a psicologia ambiental devido a toda essa influência [do movimento] (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

O fator da influência familiar aparece em menor proporção mas ainda sim configura uma importante esfera de aglutinação da mobilização juvenil ambientalista. As trajetórias de vida de alguns dos jovens entrevistados revelam que desde a infância a questão ambiental atravessa suas experiências e vivências cotidianas.

O *habitus* (BOURDIEU, 2007) presente no ambiente familiar marca significativamente a trajetória dos membros que o compõem. Para o autor, o *habitus* pode ser entendido como um conjunto de práticas ou condutas sociais que influenciam a maneira de agir das pessoas que estão inseridas em determinado campo. Dessa maneira, entendemos que o ambiente familiar representa um fator decisivo na construção das identidades dos jovens.

No caso dos jovens aqui entrevistados, os que possuíam histórico na família de parentes envolvidos com questões ambientais passaram a se interessar desde cedo pelo tema, como relatam os representantes do Cicle e Engajamundo:

Eu sempre tive interesse por causas ambientais, desde criança eu tinha interesse por meio ambiente, por natureza, por preservação e tudo. Muito por influência da minha família, tive uma influência muito forte dos meus avós (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Eu sempre fui ligada ao movimento ambiental porque meu pai já participa de um movimento, então isso veio naturalmente, pois desde criança faço ações como limpar o mangue, plantar árvores, coisas dessa natureza (G. B. Representante do Cicle, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

Para Losekann (2016), as particularidades presentes nas trajetórias biográficas somadas a fatores emocionais dos ativistas são fundamentais no processo de identificação desses militantes com as pautas ambientais.

Não apenas as experiências com ativismo por parte dos familiares, mas os espaços físicos de residência também influem de certa maneira na percepção que os jovens possuem sobre o meio ambiente. O representante do MPA, que veio de família camponesa, afirma que a questão do uso dos agrotóxicos no seu município o despertou

para as questões ambientais e o representante do Greve Pelo Clima passa a ter contato com a temática a partir da cidade onde morava, na qual sua família possuía histórico com o movimento indígena:

Sou de uma família de camponeses, de um município chamado Panambi no RS, e é uma região que tem o maior uso por pessoa de agrotóxico, o maior comprador de veneno nas plantações, uma região com bastante monocultivo de soja e milho e começa aí meu pé no debate ambiental (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Meus familiares por parte de mãe tem um histórico no movimento indígena e minha vivência em São Luís [com eles] me proporcionou viver essa realidade dos povos originários (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Entendemos que através das narrativas (POLETTA; GARDNER, 2014) utilizadas os ativistas reforçam suas relações com os movimentos sociais a partir de histórias que reafirmam suas identidades, vivências e inspirações. As trajetórias, ou seja, os espaços de acúmulo político ou pessoal por onde esses jovens passaram e suas experiências são contadas por narrativas permeadas de sentidos e valores que agregam à mobilização e identificação com a pauta das mudanças climáticas.

2.2 Estratégias coletivas e narrativas

Analisaremos as estratégias utilizadas pelos movimentos através do conceito de repertórios de ação (TILLY, 1995), a fim de compreendermos como as ações realizadas pelos ativistas atuam na construção e fortalecimento dos repertórios desses movimentos. De acordo com Tilly (1995), os repertórios de ação são as maneiras que os ativistas agem a fim de concretizar objetivos e interesses coletivos.

A motivação que jovens brasileiros possuem pela pauta das mudanças climáticas e suas inserções em movimentos sociais vai além das suas trajetórias e experiências de vida. Para Pereira e Silva (2020, p. 625), "ativistas de movimentos sociais não constroem suas identidades apenas com referência a sua trajetória e ao movimento, mas também a partir das táticas que costumam adotar". Entendemos aqui, que as táticas utilizadas pelos movimentos também constituem fator determinante na entrada e

permanência nos movimentos e na identificação com o grupo, por carregarem sentidos e percepções.

Ainda para Pereira e Silva (2020), os repertórios de ação dos movimentos sociais englobam uma série de táticas - limitadas - disponíveis aos movimentos. No quadro abaixo, apresentamos, de maneira sistemática, as principais estratégias que os movimentos utilizam para pautar suas demandas no campo político. Os termos utilizados estão idênticos aos narrados pelos entrevistados, e, alguns adequados pelos autores para melhor entendimento:

Quadro 2 – Estratégias

Entrevistado	Movimento	Estratégias
G. C.	Engajamundo	<i>Lobby</i> e participação política
G. B.	Cicle / Engajamundo	Educação ambiental
V. H.	Greve Pelo Clima	Eventos de protesto
T. M.	MAB	Eventos de protesto, comunicação e participação política.
P.R.	Engajamundo	<i>Lobby</i> e participação política
M. A.	MPA	Proposição de programas e projetos, articulação com o legislativo.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

O debate acerca dos repertórios de ação no Brasil possui algumas possibilidades analíticas. Abers, Serafim e Tatagiba (2014) colocam em evidência o conceito de repertórios de interação a fim de analisar a relação entre sociedade e Estado, traduzida, principalmente nos últimos anos, na inserção de ativistas e movimentos sociais na burocracia estatal, fenômeno denominado como ativismo institucional. Uma segunda possibilidade analítica é considerar os repertórios de ação dos movimentos sociais através do conceito de confronto político (TILLY; TARROW, 2015), onde se tem uma relação mais contestatória por parte dos movimentos sociais frente ao Estado.

Através do Quadro 2 percebemos que os movimentos sociais aqui analisados se utilizam de estratégias contestatórias, como os eventos de protesto, mas também fazem

uso da participação política institucional, através da presença em Instituições Participativas como as conferências, conselhos e outros espaços e diálogo com outros espaços formais da política como os sindicatos. Além disso, alguns dos movimentos utilizam como tática o diálogo e interação com o legislativo e executivo:

Nós temos um diálogo bastante profundo com o legislativo e o executivo. Por exemplo, em relação à emissão do gás carbono, nós fizemos o diálogo com outros movimentos, sindicatos e confederações e construímos um PL que foi aprovado no Congresso, mas o Presidente Bolsonaro vetou [...] é nesse sentido que a gente faz nossa disputa (M. A. Representante do MPA, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A gente sempre faz nossas articulações legislativas e executivas quando é possível, mas tá difícil nessa conjuntura [...] com relação aos conselhos, a gente tem bastante trajetória de atuação com o CNDH, a gente tem assento inclusive [...] acompanhávamos o CONSEA, e diversos conselhos municipais de saúde (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

Há esse diálogo [com o legislativo]. No início tinha uma tentativa de não ter parceria com partidos políticos e congresso, mas hoje não, hoje o Greve Pelo Clima tá articulado com parlamentares da frente ambientalista e que tem ferramentas do congresso que somam. Assinaturas, criar manifesto, articular greves, ver essa questão jurídica, então há essas articulações. [Também] participamos de conselhos ambientais (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

Outra estratégia utilizada pelos movimentos é a de dialogar - ou possuir uma relação de proximidade - com outros movimentos que pautam a questão das mudanças climáticas ou questões ambientais de maneira geral, principalmente, em pautas ambientais amplas ou momentos e situações críticas. A conjuntura política - bastante citada nas entrevistas - do Brasil nos aparece como impulsionadora para ações em conjunto dos movimentos climáticos. A narrativa posta pelos ativistas em relação à conjuntura política possui centralidade nas ações federais, refletindo uma tensão entre os movimentos e o presidente Jair Bolsonaro, resultando em ações contestatórias.

Existem divergências também [...] mesmo com as diferenças a gente dialoga [com outros movimentos]. Depende da conjuntura, quando estamos em momentos progressistas a gente consegue discutir e enfrentar as diferenças, quando não, a gente vai se unir porque existe um inimigo maior destruindo a Amazônia que é o Bolsonaro, por exemplo (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos

autores em novembro de 2020).

Nacionalmente o Engajamundo está bem entrelaçado com o Greve pelo Clima. Cada jovem tem seu movimento, mas há uma linha de entendimento social e político de que Bolsonaro é a pior coisa que tem que acontecer e que as mudanças climáticas são emergenciais (V. H. Representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em setembro de 2020).

A insatisfação com o governo federal e principalmente com a figura do Presidente da República possibilita que os movimentos e os ativistas coloquem de lado as divergências políticas e se unam em uma narrativa combativa à atual conjuntura. A problemática recente das queimadas na Amazônia, por exemplo, nos elucida como questões “gerais” ou de comum interesse dos movimentos, os agrupam em determinado momento.

Os sentidos e emoções também são fatores mobilizados pelos movimentos como estratégias a fim de consolidarem suas pautas no campo político ou para agregar militantes. As próprias narrativas são utilizadas no repertório de ação do Ciclie - Pedalando Pelo Clima enquanto tática do movimento:

O objetivo [do Ciclie] é o de comunicar com os grupos de diferentes pessoas e territórios que estão inseridos na questão das mudanças climáticas, e de ir pedalando por estes lugares através da mobilidade. No ano passado, por exemplo, um dos membros fez uma viagem por Mariana (MG), conversando com pessoas que haviam enfrentado o desastre causado pela VALE. Outros membros foram a uma região quilombola em Pernambuco, passaram ainda por Maringá (PR) (G. B. Representante do Ciclie, entrevista concedida aos autores em agosto de 2020).

A gente entende a comunicação como uma estratégia essencial nesse campo de impacto social. Não dá pra falar de pautas socioambientais, como o clima, se a gente não está sabendo como falar e pra quem falar (G. C. Representante do Engajamundo, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A comunicação aparece, além do Ciclie e Engajamundo, como estratégia do Greve Pelo Clima e MAB. Utilizando as narrativas através de meios tecnológicos, a comunicação nesses movimentos tem como objetivo aproximar os jovens e a sociedade de maneira geral da discussão acerca das mudanças climáticas. Utilizando principalmente as redes sociais, os movimentos buscam captar apoiadores e ampliar o alcance de suas pautas ao transmitirem em suas comunicações, narrativas permeadas de

sentidos e valores.

A gente tem uma estratégia forte de comunicação, a gente acha que sociedade civil tem abertura para a questão ambiental do Rio Doce, por exemplo, mas não tem para as vítimas do Rio Doce. [Temos como objetivo] criar um espaço de diálogo com a população (T. M. Representante do MAB, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

A juventude tem uma capacidade criativa importante e uma relação com as tecnologias que possibilitam formas de lutas. [Fazemos uso] das redes sociais, artes, mobilizações digitais, os jovens sabem usar muito bem o twitaço, Instagram, lives, o diálogo é melhor (V. H. representante do Greve Pelo Clima, entrevista concedida aos autores em novembro de 2020).

As estratégias aqui elencadas - participação em espaços institucionais da política, o diálogo com o legislativo, a relação com outros movimentos e a comunicação - representam táticas fundamentais no processo de consolidação dos movimentos e das pautas climáticas no campo político. A escolha por determinadas estratégias tem a ver com o objetivo central de cada movimento e fica clara, através das narrativas expostas, que os ativistas possuem papel fundamental na manutenção e propagação dessas táticas.

Ao colocarem as táticas como peças-chave no processo de construção de identidade dos ativistas com seus movimentos ou pautas, Pereira e Silva (2020) nos ajudam a compreender como os jovens ativistas ambientais aqui analisados constroem suas narrativas. À medida em que narram as estratégias utilizadas por seus movimentos, os jovens fortalecem e reafirmam o aspecto simbólico, entrelaçando suas trajetórias e perspectivas com a ação coletiva.

CONCLUSÕES

O presente artigo buscou contribuir com os avanços analíticos que estão em curso no Brasil em relação às pesquisas acerca da juventude inserida em movimentos sociais. Entretanto, o número de pesquisas relacionando juventude e mudanças climáticas no Brasil é limitado. Desse modo, buscamos analisar a atuação desses jovens por compreendermos que a questão ambiental tem, nos últimos anos, apresentado grande mobilização na juventude

Ao entrevistarmos os jovens ativistas - e lideranças - de movimentos ambientalistas no Brasil, procuramos captar as narrativas em volta daquilo que eles consideram como sendo suas trajetórias, entendendo o que os fizeram chegar e permanecer nos movimentos, e quais as estratégias utilizadas enquanto grupos. Nesse sentido, os resultados obtidos através das narrativas conseguiram suprir os objetivos da pesquisa, à medida que nos possibilitou destacarmos e analisarmos as trajetórias desses jovens e as estratégias por eles utilizadas para pautarem as mudanças climáticas no Brasil.

Percebemos que as trajetórias dos jovens ativistas estão ancoradas em dois fatores estruturantes: a influência familiar e a inserção no movimento estudantil universitário. Os dois fatores representam os maiores impulsionadores da atual participação dos jovens em movimentos sociais de cunho ambiental.

Em relação às estratégias, ao questionarem de que maneira determinadas formas de ação são incorporadas nos repertórios dos grupos, Pereira e Silva (2020) nos levam a considerar, a partir desta presente pesquisa, que no caso dos movimentos ambientalistas brasileiros, as estratégias utilizadas são dadas a partir de fatores de conjuntura política, onde as ações se dividem entre ações contestatórias - como eventos de protestos - e de diálogo com o poder público - como o lobby ou a participação em instituições participativas - a depender de como a questão climática está colocada na conjuntura política.

Entendemos que tanto as trajetórias dos jovens carregam sentidos e valores que os motivaram a ingressar em grupos e movimentos. Esses sentidos e valores se traduzem, através das narrativas, em fatores emocionais e de identidade que os impulsionam a exercer o ativismo baseado na perspectiva que possuem acerca do meio ambiente. As estratégias dos movimentos também possuem emoções e sentidos, percebidos nas falas dos jovens, que constituem ponto crucial na continuidade não só das ações, mas de seus interesses e de suas atuações dentro e fora dos movimentos sociais.

Nesse sentido, os resultados obtidos permitem ampliar as possibilidades

analíticas em torno da juventude, mudanças climáticas e ativismo ambiental no Brasil ao entendermos que a juventude se constitui como categoria heterogênea e que as mudanças climáticas e demais questões ambientais representam campos em contínuo processo de consolidação na academia e nos movimentos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERS, Rebecca; SERAFIM, Lizandra; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.

BAI, Xuemei *et al.* Six research priorities for cities and climate change. *Nature Climate Change*, 555, pp. 23-25, 2018.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: edições 70, 2011.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BLANK, Dionis Mauri Penning. O contexto das mudanças climáticas e as suas vítimas. *Mercator (Fortaleza)*, v. 14, n. 2, p. 157-172, 2015.

BOND, Gerard *et al.* A pervasive millennial-scale cycle in North Atlantic Holocene and glacial climates. *Science*, v. 278, n. 5341, p. 1257-1266, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Difel: Lisboa; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

CARVALHO, I. C. M. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea In: Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo (orgs). *Juventude e Sociedade; trabalho, educação, cultura e participação*. Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, São Paulo, 2004.

CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 11-47, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A política da mudança climática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997

GOULD, Deborah B. *Moving politics: emotion and ACT UP's fight against AIDS*. University of Chicago Press, 2009.

IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. *ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS 2014: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade – Resumo para Decisores*. Genebra: IPCC, 2014. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/03/ar5_wg2_spmport-1.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2020.

IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. *Climate Change 2007: Impacts, Adaptation and Vulnerability*. Genebra: IPCC, 2007. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/03/ar4_wg2_full_report.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MOURA, Joana Tereza Vaz de. Dinâmicas dos movimentos sociais: reflexões sobre cultura e oportunidades políticas. In: *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n. 2, Londrina, mai./ago. 2018, p. 390-341.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. *UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE*. ONU: 1992. Disponível em: <<https://unfccc.int/resource/docs/convkp/conveng.pdf>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos sociais em ação: repertórios, escolhas táticas e performances. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 615-645, Ago. 2020

PINSKY, Vanessa. *Crise Climática: Relatórios, Impactos e Ações*. Fundação Instituto de Administração (FIA), 25 out. 2019. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/crise-climatica/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

POLLETTA; Francesca.; GARDNER, Beth G. Narrative and Social movements. In: *The Oxford Handbook of Social Movements*. DELLA PORTA, D.; DIANI, M. (Orgs.). Oxford, Oxford Press, 2014.

POLLETTA, Francesca; GARDNER, Beth. Culture and social movements. In: *Emerging trends in the social and behavioral sciences*. SCOTT, Robert A.; KOSSLYN, Stephen M. (orgs.). New Jersey: John Wiley and Sons, p. 1-13, 2015.

RIBEIRO, Suzana Kahn; SANTOS, Andrea Souza. *Mudanças climáticas e cidades: Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas. Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMCI), 2016. Disponível em: <http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/documentos/Relatorio_UM_v10-2017-1.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2020.*

SILVA JÚNIOR, M. A. F. da; MOURA, J. T. V. de. Movimentos sociais e juventude: discursos coletivos e narrativas na construção das mobilizações contemporâneas em Natal/RN. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, mai. 2019, Natal/RN. *Anais XVIII ENANPUR 2019*. Natal, 2019, p. 1-18.

TEIXEIRA, R. L. P.; PESSOA, Z. S. A CAPACIDADE ADAPTATIVA CLIMÁTICA NO CONTEXTO DAS CIDADES BRASILEIRAS: UM DIÁLOGO COM AS TEORIAS DA MODERNIZAÇÃO ECOLÓGICA E DA SOCIEDADE DE RISCO. *Brazilian Journal of Policy and Development*, v. 2, n. 3, p. 205-225, 2020.

TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: *Repertoires and cycles of collective action*. Traugott, Mark (org.). Durham: Duke University Press, 1995, p. 15-42.

VÁZQUEZ, Melina; COZACHCOW, Alejandro. Activismo juvenil en partidos con gestiones de gobierno a nivel subnacional en Argentina (2007-2015). *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, v. 25, n. 64, p. 47-72, dez. 2017.